

e com rapidez, pois o rei já sabia que o príncipe se ausentaria de Coimbra para caçar, como era do seu gosto, acompanhado do cunhado Álvaro Pires de Castro.

Nas páginas seguintes, surgem, em toda a sua dor, a tragédia e seus desdobramentos.

A Dor

Após a triste manhã de 7 de janeiro de 1355, pairava sobre Portugal uma atmosfera carregada de nuvens ameaçadoras, antecipando décadas de incertezas. Não havia alegria, os dias se tornaram cinzentos, o sol se recolhera. A vida corria tensa, pesada...

De fato, o ano se iniciara pleno de prenúncios nada animadores para o príncipe herdeiro e Inês de Castro.

Naquele trágico 7 de janeiro de meados do século XIV, a Idade Média seguia seu rumo, já distante da noite medieval que assinalou o período de 400 a 800 d.C, trazendo em seu bojo a conquista da definição de algumas nacionalidades ocidentais, como ocorreu com a antiga Lusitânia.

A dinastia dos Afonsos estava no seu apogeu. Alcançada a estabilidade político-administrativa do reino, sobretudo após a expulsão dos mouros, definida pela Batalha do Salado, Portugal caminhava com a mansa tranquilidade

das águas do Mondego. Suas fronteiras internas já delineadas e as bandas ocidentais abrindo-se para o mundo desconhecido favoreciam a saga dos desbravadores marítimos, preparada com descortino por D. Dinis, com a sementeira dos pinhais da Leiria.

Inês já não vivia, brutalmente decapitada que fora pela incompreensível decisão de Afonso IV, sustentada nas sempre frias e convenientes razões de Estado.

O corpo inerte, carinhosamente recomposto e vestido por piedosa freira do Convento de Santa Clara, aguardava a prevista chegada de D. Pedro, o I de Portugal, retornando da então tradicional caçada nos arredores de Coimbra, a que se lançara com o cunhado e pequeno séquito.

O infante, mesmo advertido por Inês dias antes e, nos últimos tempos, por sua mãe, a rainha Beatriz, e amigos próximos, a respeito do risco que a companheira corria, fora à festiva caçada em Penacova e imaginava, pressuroso, voltar e rever Inês e os filhos.

Inês, contudo, repousava no Plano Espiritual, diretamente socorrida por Isabel de

Aragão, a Rainha Santa.

Aos motivos que embasaram o cerne da determinação amarga de D. Afonso IV voltaremos a nos referir mais tarde.

São o corolário das paixões humanas, do poder e das arcanas razões de Estado que deságuam em decisões inapagáveis na consciência de quem as perpetrrou.

Vamos à descrição do triste acontecimento segundo o relato da história e as informações espirituais.